

Florestan Fernandes: um socialista humanista

Diogo Valença de Azevedo Costa¹

Nesta data, 10 de agosto de 2023, se completam 28 anos da partida de Florestan Fernandes. Não é fácil ser justo com a sua obra. Muitas interpretações de seu pensamento sociológico parecem primeiro supor o que ele disse ou deveria ter dito para, em seguida, procurar exemplos extraídos de seus textos que comprovam tais “hipóteses” autossustentadas. Esta é uma maneira de proceder pouco justa, que o próprio Florestan desaconselhava.

Nascido no século XX, em 22 de julho de 1920, e tendo produzido até os momentos finais de seu falecimento em 10 de agosto de 1995, a obra intelectual e política de Florestan Fernandes se desdobra em diferentes temáticas, fruto de seus trabalhos de investigação sociológica, e assume contornos teóricos e metodológicos diversos, mas sempre marcados pela coerência, consistência e síntese original.

Florestan percebia muito bem as mudanças de rumo em seu pensamento, pois suas ideias eram respostas aos problemas de sua época. Ao mesmo tempo, podemos perceber em seu esforço de autoanálise sociológica uma nítida consciência da continuidade e um fio condutor em suas reflexões. Se houve rupturas em seu pensamento, as continuidades são igualmente decisivas, demonstrando que se tratava de um autor que se repensava o tempo todo.

Em 1986, num encontro ocorrido no *campus* da UNESP de Marília, Barbara Freitag lança a tese do *corte epistemológico*, dividindo a trajetória de Florestan Fernandes entre uma primeira fase acadêmico-reformista e uma segunda político-revolucionária. O marco de divisão entre as duas etapas foi a aposentadoria compulsória de Florestan Fernandes da Universidade de São Paulo (USP) em 1969. A ditadura empresarial-militar o puniu por conta de sua resistência democrática, impedindo-o de lecionar em qualquer outra universidade brasileira (Freitag, 1987).

A fase acadêmico-reformista seria caracterizada pelo uso do conceitual e dos instrumentos metodológicos da sociologia positivista e funcionalista num horizonte político de corte liberal, fundamentado na concepção *mannheimiana* do intelectual e da reforma via planejamento experimental e democrático. Já a fase político-revolucionária seria marcada pelo uso de categorias marxistas como modo de produção, formação social e imperialismo para interpretar as condições históricas e concretas do capitalismo dependente. Florestan Fernandes agora estava interessado na revolução socialista.

Essa simplificação excessiva não faz justiça à tese do corte epistemológico, a qual procura relacionar as posições epistemológicas de Florestan Fernandes com sua prática política na esfera educacional em cada um dos dois momentos. No entanto, a exposição recolhe o essencial dos seus argumentos. A tese do corte

¹ Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

epistemológico foi depois vulgarizada como uma distinção entre uma fase acadêmica e outra política. Na verdade, ela expressa dois modos distintos de atuação política, um por via das reformas e outro por meio do socialismo revolucionário. A política não estava ausente na primeira fase.

O mérito da tese do corte epistemológico é apontar que houve mudanças significativas na obra de Florestan Fernandes. Porém, essas mudanças não podem ser interpretadas como um corte epistemológico. Também seria errônea a ideia de que Florestan alguma vez tenha sido positivista. Se comparamos os textos de sociologia teórica de Florestan Fernandes dos anos 1950 com os da década de 1970, percebemos que ele nunca se sentiu em desacordo com suas soluções metodológicas anteriores. Um livro como *A natureza sociológica da sociologia* (Fernandes, 1980) reavalia os limites teóricos de trabalhos como *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (1959), *Ensaio de sociologia geral e aplicada* (1960) e *Elementos de sociologia teórica* (1970), destacando que as tentativas de síntese metodológicas das correntes clássicas e modernas das ciências sociais ali avançadas não seriam possíveis numa sociedade antagônica e irremediavelmente fraturada como a capitalista. Mas em nenhum momento Florestan afirma que esse esforço de síntese seria inútil e desnecessário.

Além disso, em muitas questões teórico-epistemológicas debatidas na década de 1970, como a das relações entre natureza, sociedade e história ou a das subdivisões da Sociologia, Florestan Fernandes não se viu em contradição com ideias que defendeu quando esteve imerso no trabalho acadêmico na USP. Florestan não assumia dogmaticamente uma perspectiva metodológica e assim se definia. Fazer uso do estrutural-funcionalismo não o transforma num funcionalista. Nessa mesma época já estava elaborando suas ideias sobre as subdivisões da Sociologia e apontava a importância de Marx para a construção de uma sociologia histórica.

Se quisermos avaliar com justiça sua produção acadêmica desse período, devemos questionar o quanto conseguiu avançar em seus esforços de síntese e quais limites ele legou para as novas gerações, que precisariam ser superados num trabalho coletivo. De igual modo, o fato de ter aprofundado e incorporado Mannheim não o transforma numa cópia em miniatura do sociólogo húngaro em terras brasileiras. Num ensaio de 1946 intitulado “A política como ciência em K. Mannheim”, Florestan revela que essa assimilação nunca foi acrítica, questionando a suposição de Mannheim segundo a qual a situação política e histórica europeia possibilitava uma base social para a “síntese de perspectivas” e a implementação do planejamento democrático². Uma sociedade dividida em classes não permitiria a concretização de tal projeto reformista.

Há, de fato, uma reorientação profunda no pensamento de Florestan Fernandes entre fins da década de 1950 e anos 70, mas não como um corte epistemológico. Essa reorientação radical ocorre em meio a uma reelaboração mais consistente das antigas concepções teórico-metodológicas na sociologia. A sua visão de Brasil e América Latina se torna mais historicamente concreta,

² O ensaio pode ser consultado em Fernandes (1970).

apreendendo as especificidades do capitalismo dependente e da autocracia burguesa na periferia do sistema mundial. Mas essa rica caracterização sociológica só se fez possível mediante um esforço de síntese original para a qual Florestan já vinha se exercitando há mais de 25 anos em suas pesquisas.

O confronto com forças conservadoras e reacionárias na Campanha em Defesa da Escola Pública (1959-1962), o desvelamento das formas racistas subjacentes ao subdesenvolvimento dependente e os embates contra a “reforma universitária” pretendida pela ditadura civil-militar (1967-1968) foram alguns dos acontecimentos históricos decisivos que fizeram Florestan Fernandes abandonar a ideia de que a Revolução Burguesa ainda continha potencialidades progressistas. As transformações “dentro da ordem” passam a ser encaradas como um processo político permanente de aprofundamento da “revolução contra a ordem”. Os tempos histórico das revoluções democrática e socialista se iluminam reciprocamente.

Florestan não despreza a “revolução dentro da ordem”, mas a vincula ao projeto socialista de transformações cada vez mais radicais e profundas, avançadas a partir *dos de baixo*. Aliás, suas reflexões sobre o movimento socialista e o partido político revolucionário em fins da década de 1970 levam em conta a exigência de incorporar as massas despossuídas e as classes trabalhadoras num horizonte revolucionário, num fazer histórico que se lança para o futuro. É nesse momento que se revela plenamente o Florestan humanista, mas não o de um humanismo abstrato de corte liberal, voltado para o indivíduo egoísta, atomizado e alienado nas relações reificantes capitalistas.

Há uma afinidade entre Florestan Fernandes e os marxismos críticos do Leste Europeu, atuantes no período da União Soviética, nessa defesa de um socialismo humanista. O retorno ao “jovem Marx”, ao Marx de *Os manuscritos parisienses de 1844*, detinha o sentido político e ideológico de resistir às estruturas burocráticas e autoritárias legadas pelo *Stalinismo* como fenômeno histórico e cultural abrangente. No caso brasileiro, a brutalização do ser humano pelas relações capitalistas, colonialistas, racistas e patriarcais tornava premente a recuperação do legado humanista das tradições revolucionárias marxistas. Florestan discordava da tese do corte epistemológico entre o *jovem* e o *velho* Marx, sinalizando para a necessidade de se recuperar a perspectiva humanista da crítica da alienação nos caminhos da luta socialista.

Nenhuma forma de exploração, dominação e opressão passaria incólume pelo crivo crítico do socialismo humanista. As formas especificamente capitalistas baseadas na extração de mais-valia relativa, associadas à mais-valia absoluta e à recomposição permanente de processos espoliativos de acumulação primitiva entre centros e periferias, de exploração de classe se combinam a relações colonialistas, sexistas e racistas na divisão social do trabalho. O Estado burguês que emerge de tal panorama histórico cultiva a democracia restrita dos mais iguais como estilo de vida, cooptando as camadas médias como um meio de impedir transformações radicais de baixo para cima.

Na entrevista a Paulo de Tarso Venceslau, publicada em 20/01/1991, Florestan Fernandes defende a tradição humanista no pensamento marxista. Esse humanismo era compreendido como um desenvolvimento multilateral da personalidade e potencialidades humanas numa perspectiva comunitária e autogestionária dos trabalhadores livremente associados. Trata-se de uma superação do humanismo individualista, burguês, e de todos os humanismos precedentes:

Eu sou socialista, portanto, acredito que nós vamos construir uma sociedade socialista, que deverá começar com uma democracia da maioria, atingir a igualdade com liberdade e desenvolver todos os elementos fundamentais da personalidade humana. Trata-se de um socialismo que defende um humanismo — uma síntese, uma superação de todas as outras formas de humanismo anteriores. (Fernandes, 1991).

O resgate do socialismo humanista em Florestan Fernandes nos ajuda a reinterpretar aspectos de sua trajetória intelectual. As pesquisas anteriores sobre os povos originários, a discriminação racial na sociedade de classes, a educação e os dilemas históricos da periferia e do capitalismo dependente desembocam numa militância socialista que se posiciona contra toda e qualquer forma de opressão, contra o racismo, o colonialismo e a dominação masculina, contra a degradação do meio socioambiental e, por fim, contra tudo o que nos degrada na civilização da barbárie capitalista. A perspectiva da emancipação humana alimenta as análises sociológicas de Florestan Fernandes e orienta prospectivamente a investigação do presente e passado na transformação do futuro. Esse é o sentido da aproximação entre socialismo e sociologia que Florestan cultiva, a partir dos anos 1970, em sua *práxis* revolucionária.

Podemos nos perguntar, enfim, como o socialista humanista Florestan, ou na feliz expressão de Heloísa Fernandes (2008), o sociólogo-socialista que se funde numa só pessoa, passa a ressignificar o conjunto de toda sua produção teórica anterior. Se o critério para julgarmos um indivíduo for a sua prática efetiva e não o que ele diz de si mesmo, Florestan se posicionou à altura de suas tarefas históricas e, como poucos, foi capaz de superar as distâncias entre palavra e ação. A autenticidade é o traço maior de seu pensamento e modo de ser.

Referências bibliográficas

FERNANDES, F. *Fundamentos empíricos da investigação sociológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1960.

_____. *Elementos de sociologia teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

_____. *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.

_____. Florestan Fernandes, *Teoria e Debate*, n. 13, jan., 1991. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1991/01/20/florestan-fernandes/>.

Fernandes, Heloísa. Florestan Fernandes, un sociólogo socialista. *In*: Fernandes, Florestan. *Dominación y desigualdad: El dilema social Latinoamericano* (Antología). Bogotá: Siglo del Hombre, CLACSO, 2008. p. 9-35.

FREITAG, B. Democratização, universidade, revolução. *In*: d’Incao, M. A. (org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra/ Unesp, 1987. p. 163-180.